
REALISMO, NATURALISMO E “DIALÉTICA DA MALANDRAGEM” EM “IDEIAS DE CANÁRIO”, DE MACHADO DE ASSIS

REALISM, NATURALISM AND THE “DIALECTIC OF MALANDRAGEM” IN “A CANARY’S IDEAS”, BY MACHADO DE ASSIS



Dossiê

Atualidade do realismo: utopia e distopia

Organizadores:

Prof.^a Dr.^a Ana Laura dos Reis
Corrêa



Prof. Dr. Martín Ignacio Koval



Prof.^a Dr.^a Renata Altenfelder
Garcia Gallo



v. 32, n. 62, agosto, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 25/08/2022

Aprovado em: 29/03/2023

Distribuído sob



Mateus de Moraes Torres Ferreira

mateus.mtorres@hotmail.com

Mestrando em Literatura pela Universidade de Brasília.

Ana Laura dos Reis Corrêa

analaurosreiscorrea@gmail.com

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Professora de Literatura no Departamento de Teoria Literária e Literaturas e no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O objetivo deste trabalho é analisar o conto “Ideias de canário”, de Machado de Assis, investigando como o autor constrói o realismo em seu conto a partir de elementos extraordinários e da contraposição e justaposição de ideias, além de criticar o método de composição naturalista. Também buscaremos evidenciar como os elementos de uma dialética da malandragem, tal como definiu Antonio Candido em sua pesquisa sobre Memórias de um sargento de milícias, também estão presentes nesse conto de modo estruturante. Para isso, faremos uma pesquisa bibliográfica baseada no método crítico dialético.

“Ideias de canário”, Realismo, Naturalismo, Dialética da malandragem

The main focus of this study is to analyze the short story “A Canary’s Ideas”, by Machado de Assis, investigating how the author sets up realism in his story through extraordinary elements and the counterposition and juxtaposition of ideas, besides criticizing the naturalistic composition method. We will also seek to denote elements of a “dialectic of malandragem”, as defined by Antonio Candido in his research on the book Memórias de um sargento de milícias, which are also structurally present in this short story. In order to do so, we will work through a bibliographic research based on the critical dialectical method.

“A canary’s ideas”, Realism, Naturalism, Dialectic of malandragem

Introdução

Publicado em 1895, na *Gazeta de notícias*, o conto “Ideias de canário”, de Machado de Assis, tece uma situação ficcional que provoca reflexões sociais, estéticas e filosóficas a partir de visões diferentes da realidade em que vivem os dois personagens centrais, antagonistas. O conto foi publicado catorze anos depois de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), ou seja, após a viravolta que ocorreu na estrutura romanesca de Machado estudada por Roberto Schwarz (2004); a composição do narrador muda da terceira para a primeira pessoa e a narrativa é regida pelo princípio da volubilidade, de maneira que o narrador passa a ser não confiável.

Na primeira parte deste artigo, buscaremos examinar como se dá o efeito realista do conto em oposição à visão de mundo naturalista de Macedo, narrador-personagem. Acompanharemos como este personagem, já ideologicamente rebaixado, vai sofrendo um processo de reificação¹ a partir de seu contato com o extraordinário canário. Um movimento compositivo que desvelará a distância estética dessas duas formas narrativas – realista e naturalista – e o abismo social entre as duas formas de “pensar” – a do canário e a de Macedo –, um verbo que está mais ligado ao primeiro que ao último.

Logo depois, o objetivo será relacionar “Ideias de canário” com os elementos da dialética da malandragem, apontados por Antonio Candido (2015), em seu ensaio (de 1970) “Dialética da malandragem”, sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1853. Buscaremos examinar os problemas comuns às duas obras que compartilhavam uma mesma realidade histórica – o Brasil da segunda metade do século XIX –, considerando que, muito provavelmente, a obra de Manuel Antônio de Almeida não era desconhecida a Machado. Dentre tais problemas, o foco se dará no eixo ordem e desordem do romance, ordinário e extraordinário no conto.

O triunfo do realismo auferido pelo extraordinário

O movimento que ocorre no conto entre ordinário e extraordinário é construído pelo autor já no título, que associa o termo “ideias” a “canário”, uma justaposição que produz um efeito realista, uma vez que, assim, a forma literária traz à superfície o tecido social, cujas contradições e complicações socialmente opositivas nem sempre são claramente compreendidas numa vida rotineira. Algumas contradições podem ser sendo apontadas nesta associação: filosofia burguesa liberal (ideias) X rebaixamento dessa ideologia ironizada pela figura de um pássaro (canário); positivismo e cientificismo (ideias) X sátira moralista e propositadamente deformada (canário). Deve ser observado que o conto é mais narrativo que descritivo (LUKÁCS, 2010b), uma vez que o narrador não toma partido de nenhum destes polos e parece se interessar pela dinâmica que existe entre eles; a operação parece mais importante que o resultado dela. Além disso, é a justaposição dos polos que os torna relevantes e dotados de significados, pois não existiria esse efeito, caso na associação – Ideias X canário –, os termos não fossem antagonistas, tal qual os personagens, e o efeito e sentido dos dois não repousasse sobre o mesmo pressuposto.

Ademais, o conto se inicia com um narrador em terceira pessoa que anuncia a narrativa como “um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito” (ASSIS, 2007, p. 440)² e, em seguida, dá espaço para a narração em primeira pessoa de Macedo, um rico e solitário ornitólogo. O que vemos é que, desde essa primeira sentença, o extraordinário (palavra empregada pelo narrador em terceira pessoa), ganha uma posição de centralidade na obra, não só por ter um canário racionalmente emancipado que é capaz de expor seus pensamentos e responder por suas ações, mas por este ser o elemento que atuará de forma determinante no caráter realista do conto. É o caráter extraordinário do canário que dará crédito ao fato narrado. O motivo da história se tornar verossímil está no fato de o narrador já estabelecer com o leitor este pacto de veracidade com o extraordinário, de maneira que a verdade factual do conto repousa no fato da mesma não o ser em um mundo pessoal como o nosso e o de Macedo. Logo, o autor fica

livre, e usa dessa liberdade para opor a verdade científicista e naturalista aos elementos relativamente mágicos de uma suposta fábula, desvelando contradições historicamente irrefutáveis de dinâmicas sociais que vão do individual ao local e muito refletem uma ideologia decadente e pobre de uma classe com princípios autodeformados que chamamos burguesia. E essa se torna a razão de buscarmos na ficção respostas capazes de modificar a nossa realidade imediata.

² A partir daqui, as citações do conto “Ideias de Canário” no corpo do texto serão indicadas apenas pelo número de página de acordo com a edição referenciada: ASSIS, Machado de. *Ideias de canário*. In: _____. *50 contos escolhidos de Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 440-444.

Algo que sustenta esse eixo de pensamento é a pergunta repetida pelo narrador-personagem ao canário “que coisa é o mundo?”, uma pergunta estruturante não só para a composição estética do conto, como veremos mais abaixo, mas também para uma compreensão do chão histórico, crítico e social no qual o conto pisa. Macedo é o típico naturalista, enxerga o mundo a partir de uma lente filosófica científicista que está embaçada pelo positivismo da época. Configura-se como mais um dos personagens de Machado que muitas vezes são caricaturais, como os são todos os personagens naturalistas. Machado de Assis entendeu o naturalismo como um problema artístico e levou essa concepção para sua obra, colocando muitos personagens como este em seus escritos. Porém, tais personagens naturalistas são em seus textos guiados com rédeas soltas e em nada opõe resistência às ações criativas e transfiguradoras, ao contrário de autores naturalistas de fato, que tratam seus personagens como títeres e se colocam na figura de ventríloquo como traz Machado em seu texto *Eça de Queirós: o Primo Basílio* (1878), em que o autor faz uma crítica-análise desse romance português justamente por dizer que a protagonista de *Eça de Queirós* “é antes um títere que uma pessoa moral”.

Para entendermos mais a fundo a crítica ao naturalismo e o caráter de Macedo, analisa-

remos o início do conto e o encontro dele com o canário.

Certo dia, enquanto ia por uma rua, o narrador-personagem Macedo quase é derrubado por um “tílburi à disparada”: “Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior”. Nessa loja “escura”, “atulhada das cousas velhas”, ele se depara com velho senhor, o dono do estabelecimento, que é rebaixado logo de cara por Macedo a um status inferior ao de objeto: “não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia”. O personagem dá mais uma olhada pela loja, mas, não vendo nada de excepcional, já vai a sair quando uma “gaiola pendurada”, “tão velha quanto o resto” chama-lhe atenção. O seu primeiro pensamento é o de que ela estaria vazia, afinal, como poderia existir vida no meio de todos aqueles objetos mortos? No entanto, lá “no meio daquele cemitério” brincava um canário. Está é a primeira quebra de expectativa causada pela sobreposição de narrativas; pássaro e homem.

Macedo demonstra uma certa piedade pelo pássaro e se pergunta “— Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis?”. A esse questionamento temos a justaposição da primeira fala do canário, que produz duas quebras de expectativas, no leitor, pelo fato de o pássaro estar falando, quando não o esperamos, como também surpreende o outro personagem, o narrador Macedo, não apenas por estar diante de um canário falante, mas também pelo conteúdo irreverente da fala do pássaro: “não tive dono execrável (...) São imaginações de pessoa doente; vai te curar, amigo”. Ao ouvir isso, o ornitólogo Macedo, que antes se dizia lamentar o destino do pássaro, será ele mesmo a comprá-lo “paguei-lhe o preço”, porém não para libertá-lo como a falsa solidariedade inicial anunciava. Ao invés disso, o pseudocientista vê no pássaro a oportunidade de concretizar seu ideário burguês de ascensão, o canário seria seu passaporte para o “Museu Nacional, (a)o Instituto Histórico e às universidades alemãs”. O que fica estabelecido nesta primeira interação é que há uma divergência entre o que é pensado e visto – perspectiva do personagem-narrador – e o que é fa-

to concreto – perspectiva do canário. Essa contraposição dá ao quadro do conto os contornos realistas justamente por desnudar estas duas visões.

O projeto de Macedo para com o canário segue todos os passos de uma composição literária naturalista: 1) descritiva – “Comecei por alfabetar a língua do canário, por estudar-lhe a estrutura, as relações com a música, os sentimentos estéticos do bicho, as suas ideias e reminiscências” (p. 442) –; 2) cientificista – “Conversávamos longas horas, eu escrevendo as notas, ele esperando, saltando, trilando. (...) não porque faltasse matéria, mas para acumular primeiro todas as observações e ratificá-las” (p. 442-443); 3) monográfica – “Feita essa análise filológica e psicológica, entrei propriamente na história dos canários, na origem deles, primeiros séculos, geologia e flora das ilhas Canárias, se ele tinha conhecimento da navegação, etc.” (p. 442).

A pergunta “que coisa é o mundo?” repetida muitas vezes pelo pseudocientista a fim de uma resposta filosófica e moral vinda do pássaro é contraposta por respostas imediatas, materiais e empíricas, uma vez que ele vai definindo o mundo a partir do que consegue ver na condição em que se encontra: “o mundo é uma loja de belchior (...) Fora daí, tudo é ilusão e mentira” (p. 442); “O mundo (...) é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima (...) Tudo o mais é ilusão e mentira” (p. 443); “O mundo (...) é um espaço infinito e azul, com o sol por cima” (p. 444). Como podemos perceber, a visão do canário é gradativa, é um cone invertido que vai se alargando a medida que sua condição também se eleva. Um personagem, o único, que evolui ao longo da narrativa; trata-se de outra contraposição à visão e ao comportamento do narrador-personagem que é estanque. Logo, concluímos que é mais fácil se livrar de uma “gaiola de madeira e arame” e ampliar sua consciência do que libertar-se de uma gaiola ideológica, falha, fútil e fadada ao fracasso na qual se encontra Macedo.

O narrador-personagem é solitário, sem família, vive apenas com os criados, outra característica de sua gaiola. Então, se vive de

“ocupações científicas” nada mais coerente que debulhar-se sobre o canário, pois além de extraordinário, o pássaro é sua escada ao sucesso. Essa obsessão vai corroendo-o de tal forma que ele vai sofrendo ao longo da narrativa um processo de reificação, a gaiola a sua volta ganha contornos mais firmes de maneira que, cada vez mais, ele vai se tornando o objeto do pássaro: “todo eu era canário”. Fica doente e o que lhe é receitado é a alienação, o maior aprisionamento: “não devia pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo”.

Quando o canário de fato consegue fugir por ser “astuto”, Macedo, depois de muito padecer a sua procura, o encontra “numa das mais belas e grandes chácaras dos arrebaldes”, porém aí vem a maior inversão do conto. Ao ver Macedo, o canário saúda-lhe com “– Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?” e essa é a quebra de expectativa final, a inversão que concretiza o realismo machadiano do conto: a gaiola material que estava em volta do canário é colocada sobre Macedo, evidenciando que o mesmo é mais irracional e propriedade do que o pássaro que agora nada, ou melhor, voa livre em “um espaço infinito e azul, com o sol por cima”.

Ordem e desordem X Ordinário e extraordinário

Temos no conto um antagonismo que vai além da dimensão individualista e maniqueísta, um antagonismo de classe, na qual o narrador-personagem encarna uma tendência latente na sociedade brasileira que em essência está articulada ao avanço do capitalismo. Fora da ficção essa tendência se encontra na elite local. No entanto, o antagonismo de classe do conto é distinto uma vez que embora exista violência no confronto, ela parece estar coberta, camuflada pelo extraordinário. E é essa dimensão extraordinária que relaxará as regras da sociedade da época e produzirá um final dito “feliz” para uma das partes da disputa, a do canário.

É brusca, para não dizer violenta, a forma como Macedo é inserido na dimensão do extraordinário “indo por uma rua, sucedeu que um tílburri à disparada, quase me atirou ao chão.

Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior”. E ao entrar na loja e não ver nada particularmente atrativo apenas um amontoado de “cousas velhas” e um “frangalho de homem” resolve ir embora, mas é quando o extraordinário lhe salta aos olhos como “um raio de sol”. Macedo não esperava encontrar vida naquela escuridão, mas saltando de “poleiro em poleiro” dentro de um gaiola “tão velha quanto o resto” “pulava um canário”. Como um bom ornitólogo Macedo se ver interessado pela ave e em seguida é surpreendido por ela ao obter uma resposta matreira do canário ao seu questionamento. O ornitólogo a partir desse momento começa a pactuar sem perceber com o registro mágico e fantasioso que vai além da ordem e das regras estabelecidas em seu meio social.

O narrador-personagem passa então a usar de métodos ordinários de pseudocientista para lidar com o extraordinário, uma postura que será satirizada pelo canário ao dizer mais para o fim do conto que Macedo “não perdes os maus costumes de professor” frase esta que reforça a ideia que o ornitólogo não evolui ao longo da narrativa. O que percebemos aqui é uma dialética inadequada que se forma a partir da posição do narrador-personagem ao tentar associar a forma extraordinária a um método ordinário, que talvez ele não perceba, mas tal ação em si está salpicada de violência, principalmente pelo fato de ser regida pela ordem da propriedade privada.

Desde o momento em que Macedo arre mata o pássaro “Paguei-lhe o preço”, ele passa a agir como o proprietário do canário. E apenas muda sua cela “mandei comprar uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco, e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa” e seguindo tal ordem de proprietário e propriedade ele ainda se sustenta em um viés egoísta, individualista e competitivo típico do capitalismo ao não contar para ninguém do canário até “poder assombrar o século” com a sua descoberta. Ele privatiza o extraordinário o que não deixa de pôr em ação a dinâmica de ordem e desordem uma vez que tal atitude no conjunto narrativo do conto põe em cheque o caráter constitucionalmente pací-

fico do direito à propriedade privada.

No entanto, não devemos tomar o canário como um personagem passivo, uma mera vítima de Macedo, não. Ele também possui ações violentas, embora elas estejam dissimuladas, dissolvidas em suas ações astuciosas e seja usada como defesa. O canário insulta Macedo “certamente não estás em teu juízo”, “vai te curar amigo”, porém ele faz isso melodicamente, gorjeando, a crítica e a resistência vêm através da arte. O pássaro muda sua postura a depender da situação em que se encontra, no início e no final do conto ele é mais agressivo, porém quando está sob posse do ornitólogo muda sua tática. Por um instante enquanto está respondendo as perguntas de Macedo a ave parece compactuar com o ordinário, mas isto revela-se apenas disfarce para o que virar a seguir. Quando no final do conto ele consegue fugir e Macedo o encontra, o canário se limita a dar uma risada faceira e satirizar as falas do ex-proprietário até sintetizar tudo em sua última fala “De belchior? — trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior?”, a fala mostra que os ataques do canário não seguem as leis ordinárias do mundo de Macedo, eles são regidos pela ordem do extraordinário.

Para entendermos melhor essa contraposição entre ordinário e extraordinário, buscando tornar mais clara essa relação de antagonismo e a retórica ordem e desordem, faremos uso dos pensamentos e ideias desenvolvidas por Antonio Candido em seu ensaio “Dialética da malandragem”. Ensaio este que trata do romance “Memórias de um sargento de milícias” de Manuel Antônio de Almeida.

No referido ensaio, Antônio Candido encontra na estrutura do romance de Manuel Antonio de Almeida uma dinâmica estruturante da vida social brasileira que embora esteja focada em uma determinada esfera da sociedade – a dos homens livres e pobre, situados entre a escravidão e a classe dirigente brasileira na primeira metade do século XIX – atinge “uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício” (2015, p.38), assegurando dessa maneira o senso de realidade ficcional que vai além da me-

ra representação dos dados concretos. A generalidade dessa ação é chamada pelo crítico de “oscilação entre ordem e desordem”, e atinge o status de generalidade porque na hipótese do crítico essa *oscilação* se trata de uma tendência essencial da vida brasileira.

Tal relação entre ordem e desordem, que muito levanta questionamentos a cerca da lógica social e da subversão de valores dela, encontra sua síntese simbólica na figura do Major Vidigal, ou melhor, na sua vestimenta; “a casaca do uniforme, devidamente abotoada e luzindo em seus galões, mas com as calças domésticas e os mesmos tamancos batendo no assoalho”, da cintura para cima a ordem e para baixo a desordem. Ainda nessa cena “o dragão da ordem” desce de vez ao polo da desordem ao liberar o Leonardo Filho da prisão e ainda dá a ele o posto de sargento de milícias em troca de favores de uma antiga amante. Nesse momento a maior figura da ordem, a “consciência ética do mundo” equipara-se “a qualquer dos malandros que persegueia” (2015, p.37), pois subverte suas próprias normas condensando assim a unidade contraditória da relação ordem e desordem.

No conto “Ideias de canário” como já tentamos introduzir, a contraposição entre ordinário e extraordinário, que mantém uma relação entre o mundo ordem e da sua desordem, é também um movimento central na narrativa e na estrutura literária que auxilia na transfiguração da forma social à literária: o poder de mando e de propriedade da classe dominante local e sua contraparte, sem poder e sem posses fantasiadas de intenções civilizadas.

Temos no conto também uma unidade contraditória entre ordinário e extraordinário; uma vez que Macedo aceita sem desconfiar o fenômeno extraordinário, mas tenta, em vão, enclausurá-lo em uma ordem positivista alicerçada por métodos cientificistas. Porém o projeto do ornitólogo é imediatamente contraposto ao estilo de vida do canário que em determinado momento disfarça suas verdadeiras intenções compactuando com o ornitólogo para ao final ludibriá-lo. O canário por sua vez também está submetido a ordem do Macedo, é comprado como mercadoria, privado de sua liberdade

e submetido aos desejos ilusórios de ascensão ao sonhado “amor de glória” do ornitólogo. No entanto, o canário com sua astúcia consegue subverter as investidas ordinárias de Macedo elevando-as ao polo do extraordinário, não de forma ostensiva, mas irreverente que fascina e distrai seu interlocutor. Dessa maneira Machado de Assis dá forma e coerência estética à disputa pela definição “o que é o mundo?” e pela posse do mundo concentrada nesta relação estrutural que reúne dialeticamente ordinário e extraordinário.

Em “Memórias de um sargento de milícias”, Manuel Antonio de Almeida isolou um setor intermediário da sociedade; os homens livres e pobres, que não pertenciam ao trabalho como os escravos, mas também não integravam a classe com poder de mando, configurando assim uma parte da sociedade “na qual uns poucos livres trabalhavam e os outros flauteavam, ao Deus dará, colhendo as sobras do parasitismo, dos expedientes, das munificências, da sorte ou do roubo miúdo” (CANDIDO, 2015, p. 38). Segundo Candido ao se concentrar apenas nessa classe mediana o autor conseguiu captar a “relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem” (CANDIDO, 2015, p. 33). Essa relativização torna mais claro o antagonismo de classe uma vez que ao se encontrar no meio essa classe demarca o confronto entre os de cima e os de baixo; “acima estão os que vivem segundo normas estabelecidas, tendo no ápice o grande representante delas, major Vidigal; abaixo os que vivem em oposição ou pelo menos em integração duvidosa em relação a elas” (CANDIDO, 2015, p.32).

Dessa maneira seriam essas as características que dariam um efeito realista a obra de Manuel Antonio de Almeida, o fato de encontrarmos nessa dimensão ficcional algo de comum com o real, um pressuposto organizacional que nos deixa entrever a aparência hierarquizada como subversão da essência. No conto esta dimensão está presente entre a fábula e a realidade. É nesse contraponto, nessa oposição que a obra, tal qual o romance, exibe sua percepção complexa da estrutura social brasileira.

No entanto, mesmo as duas obras partilhando essas características elas são muito dife-

rentes entre si e talvez seja interessante temos estas diferenças em mente. No romance temos um amontoado de personagens que participam ativamente da narrativa e exercem forte influência na ação que decorre dela. No conto o universo ganha contornos mais simplificados; apenas o canário e o ornitólogo se destacam na narrativa, existe outros poucos personagens na narração, mas eles pouco fazem e em nada opõem resistência a ação ou aos motivos geradores dela.

Porém, mesmo o conto sendo mais econômico em personagem que o romance o antagonismo social que ele representa ganha características mais gerais; a um mundo inteiro sendo condensado no embate propriedade e proprietário. No entanto esse “mundo” parece distante, pois o narrador-personagem afasta o canário dele e o aprisiona em seus limites infaustos de propriedade. Dessa maneira a pergunta repetida diversas vezes no livro “Que cousa é o mundo” fica perdida nessa telha de antagonismo dos dois personagens uma vez que Macedo entende o mundo como propriedade sua, como algo imutável e o segundo que o mundo é variável, oscilante, mutável, o mundo pode ser transformado.

Já falamos algumas vezes sobre o elemento satírico do conto, não iremos nos alongar sobre isso, mas podemos deixar aqui um pouco mais de esclarecimento sobre o tema. “Ideias de canário” evidentemente não é o primeiro conto do Machado a trabalhar com o extraordinário, com o inverossímil, contos como: “A igreja do diabo” e “Entre santos” e até o romance “Memórias póstumas de Brás Cubas” já flertavam com essa dimensão do imaginoso. Contudo todos esses elementos articulam-se e buscam nos conduzir ao eixo central da sátira, é ela que está ali estruturando tais narrativas, ao fazer essa contraposição do fantástico e do real, Machado de Assis flagra contradições reais da sociedade na qual está inserido. Porém como já dito esse movimento de justaposição e contraposição das contradições é diluída durante a narrativa, é um elemento chave no arranjo compositivo, de maneira que pode passar despercebida aos olhos de leitores menos atento.

A contraposição satírica no conto é efeito ou resultado da oscilação do ordinário e do extraordinário, do real (ornitólogo) e do fantasioso (canário), porém em nenhum momento o autor toma partido ou favorece um desses polos em detrimento do outro. Ao final do conto o leitor pode até ficar com uma pulga atrás da orelha pensando que o canário foi favorecido, afinal conseguiu sua liberdade, mas em nenhum momento o autor deixa tal coisa explícita se o faz é por meio de uma burla. Além do mais a fuga do canário não possui uma mensagem moralizante, é antes um fato que uma lição.

O canário podendo representar as pessoas que precisam de astúcia para sobreviver, ditas malandras, torna claro que um dos temas do conto é, portanto justamente a luta popular frente a um modelo de sociedade ideologicamente rebaixado e que precisa ser superado. Dessa forma a malandragem que envolve o pássaro ilumina tal como “um raio de sol” o caminho para a liberdade, o canário não alça voou a uma dimensão ordinária, nem muito menos extraordinária. O destino do pássaro é realista. Ele chega ao local a qual de fato pertence o (um) pássaro.

Referências

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- ASSIS, Machado de. “Eça de Queirós: O primo Basílio”. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008, v.3, pp. 320-335.
- ASSIS, Machado de. “Ideias de canário”. In: _____. *50 contos escolhidos de Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 440-444.
- CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004, p. 17-46. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-o-discurso-e-a-cidade.pdf>
- LUKÁCS, György. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução de José Paulo Netto

e Miguel M. C. Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010a, pp. 11-38.

LUKÁCS, György. A questão da sátira. In:

_____. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, p.163-191.

LUKÁCS, György. “Marx e o problema da decadência ideológica”. In: _____. *Marxismo e teoria da literatura*. Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010b, pp. 51-103.

LUKÁCS, György. “Narrar ou descrever”. In: _____. *Marxismo e teoria da literatura*. Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010c, pp. 149-185.

SCHWARZ, Roberto. “A viravolta machadiana”. *Novos Estudos Cebrap*. N° 69, São Paulo, julho, 2004, pp. 15-34.

Nota

¹ Segundo Lukács (2010a, pp. 18-19), o conceito de reificação pode ser definido da seguinte forma: “A economia marxista, com efeito, faz com que as categorias do ser econômico (do ser que constitui o fundamento da vida social) sejam derivadas das manifestações de suas formas reais, isto é, como relações entre homens e homens e, através destas, como relação entre sociedade e natureza. Mas, ao mesmo tempo, Marx demonstra que, no capitalismo, todas essas categorias aparecem necessariamente numa forma reificada; e, por causa dessa forma reificada, ocultam a sua verdadeira essência, ou seja, a de relação entre os homens. Nessa inversão das categorias fundamentais do ser humano reside a fetichização inevitável que ocorre na sociedade capitalista. Na consciência humana, o mundo aparece completamente diverso daquilo que na realidade ele é: aparece deformado em sua própria estrutura, separado de suas efetivas conexões. Torna-se necessário um peculiar trabalho mental para que o homem do capitalismo penetre nesta fetichização e descubra, por trás das categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, preço etc.) que determinam a vida cotidiana dos homens, a sua verda-

deira essência, isto é, a de relações sociais entre os homens.”

COMO CITAR

FERREIRA, M. M. T.; CORRÊA, A. L. R. Realismo, naturalismo e “dialética da malandragem” em “Ideias de canário”, de Machado de Assis. *Revista Cerrados*, 32(62), p. 119–126. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i58.41259> cerrados/article/view/42211.